ReGeo ISSN: 2177-3246

HOMENS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E PRECONCEITOS

MALE TEACHERS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: CHALLENGES AND PREJUDICES

MAESTROS VARONES EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: DESAFÍOS Y PREJUICIOS

https://doi.org/10.56238/revgeov17n8-057

Data de submissão: 07/07/2026 **Data de publicação:** 07/08/2026

Francisco da Silva Paiva
Mestre em Políticas Públicas
Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)
E-mail: francisco.paiva@ifma.edu.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4374037406841579

RESUMO

A educação infantil é o espaço da beleza, da inclusão, da quebra de preconceitos, do lúdico, da brincadeira, das interações, do cuidar, do educar, de homens, de mulheres, de professores, de professoras, dos meninos, das meninas, da diversidade, do abraço, do carinho, do fazer junto, do ser presente etc. Este artigo é resultado de uma pesquisa participante realizada durante os anos de 2024 e 2025. Esta pesquisa foi resultado do meu trabalho como professor de educação infantil, das observações, anotações, conversas, da vivência com as crianças e com as famílias. Aborda o magistério masculino na educação infantil, os desafios, os preconceitos e as conquistas. Em uma sociedade machista, como a nossa, o trabalho do professor na educação infantil é cheio de percalços, pois a visão corrente na sociedade é de que homem não pode ser docente de crianças pequenas. Como se o homem fosse incapaz de cuidar, de educar, de interagir e de brincar. O homem é visto como suspeito, o que torna a atividade docente para o homem na educação infantil um campo cheio de obstáculos e olhares de reprovação.

Palavras-chave: Educação Infantil. Professor. Crianças. Preconceito.

ABSTRACT

Early childhood education is a space of beauty, inclusion, the dismantling of prejudices, playfulness, games, interactions, care, and education—a space for men and women, male and female teachers, boys and girls, diversity, hugs, affection, doing things together, and being present. This article is the result of participatory research conducted during 2024 and 2025. The study stems from my work as an early childhood educator, drawing on observations, notes, conversations, and lived experiences with children and families. It addresses the role of men in early childhood education, covering the challenges, prejudices, and achievements involved. In a sexist society like ours, the work of a male early childhood educator is fraught with difficulties, as the prevailing societal view holds that men cannot teach young children—as if men were incapable of caring for, educating, interacting with, or playing with them. Men are viewed with suspicion, making the teaching profession in this field a landscape filled with obstacles and judgmental gazes.

Keywords: Early Childhood Education. Teacher. Children. Prejudice.

RESUMEN

La educación infantil es un espacio de belleza, inclusión, superación de prejuicios, alegría, juegos, interacciones, cuidado, educación, hombres, mujeres, docentes (hombres y mujeres), niños, niñas,

diversidad, abrazos, afecto, actividades conjuntas, presencia, etc. Este artículo es el resultado de una investigación participativa realizada durante los años 2024 y 2025. Esta investigación surgió de mi trabajo como docente de educación infantil, a partir de observaciones, notas, conversaciones y experiencias con niños y familias. Aborda la docencia masculina en la educación infantil, los desafíos, los prejuicios y los logros. En una sociedad patriarcal como la nuestra, el trabajo del docente en la educación infantil está plagado de obstáculos, ya que la visión predominante es que los hombres no pueden ser maestros de niños pequeños. Como si los hombres fueran incapaces de cuidar, educar, interactuar y jugar. Los hombres son vistos con recelo, lo que convierte la docencia en la educación infantil en un campo lleno de obstáculos y miradas de desaprobación.

Palabras clave: Educación Infantil. Docente. Niños. Prejuicio.

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil é indispensável, necessária e mais do que nunca urgente para que as crianças de zero a cinco anos tenham seus direitos educacionais respeitados. Esta etapa da educação básica traz alguns elementos que são próprios: a relação entre professor(a), crianças e as peculiaridades da docência.

Esta etapa da educação básica apresenta um formato diferente da relação entre professor e crianças. Pois, não é um componente curricular o responsável pela mediação, não é um professor que fala, que discursa para alunos imóveis, ao contrário, a mediação é feita por saberes, valores, conhecimentos, habilidades, competências, mas essencialmente, a relação entre sujeitos é muito próxima, não pode haver distanciamento e tratamento frio.

O fato de a educação infantil ser dividida entre o educar e o cuidar faz da relação um componente central. Na visão do senso comum, esta relação deve ser conduzida por professoras e não por professores. Porque o cuidado é visto como atributo feminino. Esta percepção provoca a ideia de que um homem como docente de crianças de zero a cinco anos deve ser evitado.

Esta pesquisa se propôs a refletir sobre a presença de homens na docência na educação infantil. Compreendemos que esta discussão é importante para problematizarmos a visão retrógrada da educação infantil como uma maternidade ampliada e demonstrar que a presença do educador é necessária, porque a docência não é um dado da natureza, mas uma construção social e histórica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A feminização do magistério é um fenômeno histórico, uma realidade do nosso tempo, de uma sociedade que trata a educação de crianças pequenas como assunto de mulheres e a educação da primeira infância como uma maternidade ampliada.

Tanto é fenômeno da atualidade que Manacorda (1999, p. 97) expõe que na Grécia antiga a função educacional foi desenvolvida por professores, em alguns casos estes eram escravos. “Escravos estrangeiros, prisioneiros de guerra, eram sempre os pedagogos em casa, já os mestres de escola são gregos ou pessoas livres, que exercem um ofício como outros.”

A mesma situação exposta no texto acima se fez presente no Brasil. Em nosso país, não eram escravos, mas membros do clero, homens, que exerceram durante séculos a função docente nestas e nas demais colônias portuguesas (SAVIANI, 2007).

Estes dois fatos esclarecem que o magistério não é historicamente uma atividade de mulheres, pois nos contextos elencados as mulheres não gozavam de prestígio público, ao contrário, o espaço público era um espaço de homens; ficando as mulheres presas aos espaços domésticos.

Dentro do campo educacional, o microcampo da educação infantil tem ficado, quase que exclusivamente, a cargo das mulheres e a presença masculina neste meio causa estranheza, como se o homem não estivesse apto a trabalhar com a primeira infância. O homem professor de educação infantil é uma espécie de bailarino, um cabeleireiro de salão feminino, ou seja, alguém atuando em um espaço feminino no imaginário de uma parte da sociedade. A discriminação, o racismo e o machismo "loteia" espaços e estabelece fronteiras autorizadas e desautorizadas; determinando os de dentro e os de fora.

Por que o homem não pode exercer a docência na educação infantil? A maioria das justificativas aponta que o professor homem é um potencial abusador. Isso faz com que os homens que trabalham na educação infantil façam, o que tenho chamado, de Pedagogia sob Holofotes, em outras palavras, estão constantemente sendo observados e analisados.

Se pensarmos dentro da ótica da teoria dos campos de Pierre Bourdieu (1997), podemos concluir que o campo da educação infantil chancela o magistério feminino por ser feminino e reprova o magistério masculino por ser masculino. É um pensamento que trabalha com preconceitos, ideias fixas, frigorificadas, que não se presta a uma análise concreta, científica e empírica dos fatos. A citação a seguir explica mais claramente.

> Cheguei à creche em junho de 2021. Junto comigo chegaram mais três professoras e uma nova supervisora. Fui recebido pela diretora que me explicou rapidamente o funcionamento da creche, algumas regras, horários, tive acesso as salas, biblioteca, salas de brinquedos e demais espaços. Depois de alguns dias, fiquei sabendo que havia somente quatro professores homens em toda rede municipal que trabalhavam na educação infantil. Conversando com um desses colegas, fiquei surpreso pelo fato dele ter dito que não havia sofrido preconceito em mais de dez anos de magistério sempre na educação infantil. Eu estava com um mês e já havia passado por algumas situações discriminatórias. A percepção de muitas famílias é que o espaço a educação infantil é realmente dedicado somente às mulheres e de forma mais tímida alguns professores também pensam assim. Esta visão é uma herança do tempo em que a educação infantil tinha como objetivo somente cuidar das crianças, uma época em que a educação infantil, oficialmente, nem fazia parte do sistema nacional de educação, pois estava vinculada a assistência social. O que algumas pessoas olham como natural é na verdade a perpetuação de uma prática discriminatória, em outras palavras, as mulheres devem cuidar das crianças e os homens não (PAIVA, 2024, p. 101)

A visão de um magistério feminino na primeira infância pode ser percebida como uma visão reducionista do papel da mulher, ou seja, o lugar da mulher é o cuidado e o espaço do homem é o pensamento, sendo, dessa forma, o magistério masculino a partir da segunda etapa do ensino fundamental algo naturalizado. Este tipo de estereotipação não é só incorreto, é também uma visão arcaica que precisa ser superada, pois tende a ser excludente para muitos e benéfica para poucos.

A escritora, professora e feminista Simone de Beauvoir (2019) tem uma frase célebre: "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher". Dentro desta mesma linha de raciocínio, podemos afirmar

que o magistério não é algo hereditário, um dado pronto da natureza, mas uma construção, que é dia após dia feita e refeita; construída e desconstruída todos os dias por sujeitos concretos em salas reais.

A naturalização da docência feminina na educação infantil traz de forma implícita a ideia de que à mulher cabem as atividades da vida privada, dos afazeres domésticos, do cuidado com os filhos e, por extensão, do cuidado das crianças em casa e na creche. Não existe, portanto, nada mais discriminatório do que este tipo de pensamento machista.

Alguns profissionais têm a visão da inadequação de um homem na educação infantil, por isso, já escutei afirmações como: "Desculpa, mas é estranho homem na educação infantil" (fala de uma secretária com quem trabalhei em 2025). Particularmente, acredito que ela teve coragem de verbalizar o que muitas pessoas guardam no coração.

Uma auxiliar de serviços gerais com quem trabalhei em uma creche em 2024 certa vez afirmou: "Meu Deus! Um homem na educação infantil, isso não vai funcionar". Na hora, pensei nesta fala simplesmente como uma externalização do preconceito presente na sociedade, em outras palavras, ela afirmou: "homem cuidando de criança não pode funcionar, cuidado".

Um outro exemplo que corrobora estas afirmações foi de uma mãe que expressou para a gestora de uma creche em que já trabalhei: "se o professor é homem, eu retiro minha filha".

Estes exemplos não surgem do nada, não crescem no vazio, mas representam os olhares que a sociedade tem sobre a presença masculina na educação infantil e sobre a "inadequação" de um homem nesta função.

O magistério pode e deve ser construído por homens e mulheres em todos os seus níveis e modalidades, sem restrição, sem essencializações, sem limitações de natureza alguma. Afinal, não existe um magistério universal, mas existem muitos magistérios construídos cotidianamente em contextos múltiplos, por homens e mulheres diversos.

2.1 A PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o percentual de professores homens na educação infantil é de 4% (INEP, 2026), ou seja, a educação infantil é um espaço feminino.

O município de Codó, situado na região leste do Estado do Maranhão, conta em sua rede com 49 supervisoras que trabalham diretamente com educação infantil e não tem nenhum homem. Esta mesma rede possui em seu quadro 23 gestoras e somente 1 gestor na primeira etapa da educação básica. Estes dados demonstram que a presença feminina na educação infantil transcende a docência e se expande para as demais funções que lidam com a primeira infância.

Este percentual resulta de uma série combinada de fatores: a pouca procura de homens aos cursos de Pedagogia e o preconceito sofrido por professores homens na educação infantil.

Os dados do censo escolar demonstram que 7 em cada 10 alunos do curso de Pedagogia são mulheres (INEP, 2018). Este número revela que a procura pelo curso que habilita para atuação docente na educação infantil é constituída, em sua imensa maioria, por mulheres. Dessa forma, é possível perceber que os homens não são atraídos pelo referido curso e, portanto, uma presença maciça de professores na educação infantil é impossibilitada. Se não existem jogadores, não terá seleção; se não existem professores homens qualificados, não haverá a masculinização do magistério na primeira infância, é o que tenho chamado de vício de origem.

O preconceito é certamente um fator inibidor para que professores possam atuar na educação infantil. Pode-se supor que os poucos homens que exercem magistério na educação infantil sofrem algum tipo de preconceito pelo fato de não seguir o modelo de masculinidade, imposto pela sociedade, pelo fato de o magistério ser associado ao gênero feminino (SILVA; MARTINS, 2016).

2.2 A MATERIALIDADE DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A docência na educação infantil é menos verbal e mais fazer junto e fazer com. Se a docência no ensino fundamental e médio está relacionada a ensinar uma disciplina, ou seja, Português, Matemática, Ciências, História, Geografia etc. Na educação infantil, o cenário é outro. Nesta etapa, o professor precisa estar de corpo inteiro fazendo com as crianças as atividades propostas. Não se trata de fazer um discurso, uma exposição verbal sobre um determinado tema, mas construir com as crianças um itinerário formativo.

Para docentes acostumados ao ensino fundamental e médio, fazer a transição para a educação infantil requer duas posturas combinadas: estudar de forma contínua e não querer reproduzir práticas oriundas das demais etapas da educação básica.

Estudar as práticas docentes da educação infantil, estudar as abordagens teóricas, estudar a infância, estudar sua própria prática numa postura reflexiva e mixar este conhecimento em uma prática autoral. Construir uma pedagogia concreta, material e que seja um espelho consciente de suas experiências acadêmicas, práticas e reflexivas. Como afirma Fochi (2015), a docência é construída na práxis como saber praxiológico que ela é.

Se o movimento de autoformação é indispensável, torna-se necessário se despir de práticas escolares grafocêntricas, academicistas e diretivistas. Em suma, é preciso abandonar práticas centradas no professor, no conteúdo e no cognitivismo alienador. Incorporar práticas e fazeres que valorizem os corpos, os aspectos psicológicos, as interações sociais, os comportamentos éticos, os afetos, os

elementos simbólicos, as questões lúdicas, os contextos materiais destas práticas e o protagonismo das crianças.

As práticas docentes do ensino fundamental e do ensino médio não são e não devem ser referência para a educação infantil. Pois, uma educação infantil espelhada nestas práticas seria um crime, um roubo da infância de todas as crianças. O contrário parece viável, ou seja, levar para o ensino fundamental e médio o comportamento docente praticado na educação infantil, a centralidade dos sujeitos, a observação constante dos desafios de cada pessoa, o diálogo permanente sobre os obstáculos, a orientação pronta frente a cada desafio, valorização das individualidades/subjetividades etc.

Compreender a educação infantil, seus obstáculos, possibilidades e, a partir destes elementos, construir uma pedagogia. Este foi o desafio dos meus três primeiros anos como docente nesta etapa da educação básica. Sempre estiveram presentes, neste período, as lições de Schön (2000) e Alarção (1992) sobre a importância de refletir na prática, sobre a prática e saber que toda pedagogia real deve estar aberta às transformações solicitadas pelos contextos concretos.

3 METODOLOGIA

O desenho metodológico deste trabalho foi pensado de tal forma que possibilitasse o uso combinado de alguns instrumentos de pesquisa, além de combinar também o uso de procedimentos variados.

Pesquisa bibliográfica como ferramenta essencial para ampliar a compreensão do objeto, aprofundar a compreensão e possibilitar o uso de pesquisas voltadas para a temática em questão.

> A pesquisa bibliográfica é uma oportunidade de colocar frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse. Esse esforço em discutir ideias e pressupostos tem como lugar privilegiado de levantamento as bibliotecas, os centros especializados e arquivos. Nesse caso, trata-se de um confronto de natureza teórica que não ocorre diretamente entre pesquisador e atores sociais que estão vivenciando uma realidade peculiar dentro de um contexto histórico-social (MINAYO, 2001, p. 20)

Com a pesquisa bibliográfica, o trabalho de campo foi essencial, pois, como o pesquisador é parte do campo e vive diariamente com os sujeitos em virtude do desenvolvimento do trabalho docente, esta parte da pesquisa produziu o maior valor de dados.

Foram utilizadas ferramentas da etnografia: observação, pesquisa participante, conversas, entrevistas espontâneas etc. Para uma melhor compreensão da dinâmica e das vivências, adotei a escola em sua integralidade como campo de pesquisa. As análises e descrições são frutos das observações e diálogos com variados atores do espaço escolar (SCHUCMAN, 2012 apud PAIVA, 2024).

As entrevistas ocorreram em dois momentos: primeiro, com os docentes e supervisores e, em seguida, com as famílias. A aplicação deste instrumento contribuiu com muitos elementos que, ao final, se tornaram elementos centrais no percurso da pesquisa.

Finalmente, os dados foram analisados a partir da perspectiva de Bardin (2016), ou seja, focado no significado, dentro do contexto, os discursos proferidos pelos sujeitos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É possível estabelecer quatro posições sobre a masculinização da docência na educação infantil: uma que está aberta à presença masculina; outra que aceita com ressalvas; outra que resiste porque considera que o cuidado é uma característica da maternidade; e a outra que expõe o temor da presença masculina como potencial abusador.

Em 2025, quando comecei a trabalhar em uma nova creche, logo no primeiro dia letivo, uma das responsáveis fez este comentário: "Homem na educação infantil, sei não, isso não vai dar certo não?". Este tipo de comentário é muito frequente. Às vezes dos profissionais e às vezes das famílias.

O professor, no exercício da docência da primeira infância, precisa, acima de tudo, mostrar que é uma pessoa séria, que não está naquele ambiente para praticar ilícitos. Precisa tirar o atestado de bom moço; demonstrar uma conduta irrepreensível; isso antes de qualquer trabalho pedagógico.

Por que isso? Em primeiro lugar, o ineditismo. Muitas famílias, por não terem a experiência de ter um professor homem na educação infantil, acham estranho. Outro ponto é que existe a desconfiança com relação à segurança física das crianças, é nesta situação que o professor é visto como abusador em potencial; mesmo sendo amplamente conhecido que abusos, com frequência, ocorrem em ambientes domésticos, não escolares.

O conhecimento pedagógico, uma sólida formação teórica, o compromisso com o trabalho, o histórico acadêmico, os anos de experiência, artigos e livros publicados são elementos secundários; o professor homem na educação infantil precisa, em primeiro lugar, acima de tudo, provar que não é um criminoso.

Uma mãe de uma criança do ano letivo de 2025, em depoimento, expressou-se da seguinte forma:

> Um professor homem na educação infantil, a gente fica meio preocupada, né? Mas o seu trabalho mudou tudo o que eu pensava. Porque você foi um professor excelente. Você foi um dos melhores que já teve. Ela já teve professoras mulheres, mas você foi de total confiança, total confiança mesmo. Professor na educação infantil tem que ter mais que nem você, porque você não tem comparação. Para mim, você foi um dos melhores (Entrevistada X, 2026)[1]

[1] Entrevista realizada com uma mãe em 20 de janeiro de 2026.

Este é um processo que todo professor homem na educação infantil passa. Algumas mães verbalizam e outras não. Professor passa por três estágios: desconfiança, aproximação e conquista (descrição feita a partir da minha experiência).

A presença de um professor homem leva muitos pais a solicitarem que seus filhos sejam trocados de turma (só no ano letivo de 2026 foram três pedidos), pois, como já citado, a desconfiança em relação ao docente é visível por parte de algumas famílias. Interessante que este pensamento é uma pequena demonstração do machismo incrustado em nossa sociedade que delega às mulheres a função de cuidar dos filhos (especialmente os pequenos) e, como a docência na educação infantil é vista como uma maternidade ampliada, a presença masculina não é bem-vinda.

É uma reprodução da descrição feita por Louro (1997) de que o machismo deseja que as mulheres sejam protagonistas do espaço doméstico, da vida privada, do espaço da casa e aos homens é reservado o espaço público, o trabalho fora de casa. Contudo, algumas famílias percebem esta situação de uma forma diferente. Uma das entrevistadas fez o seguinte relato: “Acho importante uma figura masculina para o desenvolvimento da criança, homem também pode ensinar coisas que professoras não podem ensinar, é ótimo ter professores homens na educação infantil” (Entrevistada, 2026, informação verbal).

Este contraponto mostra que a desconfiança não é uma regra geral. Existem famílias, pais e mães que conseguem separar o joio do trigo, sabem reconhecer que o ser professor não é dado biológico, ou seja, não é definido na maternidade, mas é uma construção histórica, social, acadêmica, cultural, econômica, política, pedagógica, contextual, situacional, emocional, afetiva, simbólica, ética, moral, intelectual etc. Em outras palavras, o docente e a docência são construídos no percurso de um intenso trabalho prático e teórico.

A docência não é, mas está sendo, porque ela é feita e refeita, cotidianamente, na dinâmica das complexas relações entre sujeitos e contextos; objetividades e subjetividades; materialidades e imaterialidades; pertencimentos e afastamentos. Um jogo que se permite fazer e refazer como a pedra de Sísifo. O que é certo na docência é que ela sempre se modificará no emaranhado dinâmico das relações sociais presentes nos contextos escolares.

Docência não é maternidade. O ser professor é uma condição histórica e não um dado do mundo natural. O longo relato que segue abaixo, de uma mãe, sintetiza muitos argumentos e fica explícito que o professor homem precisa, em primeiro lugar, comprovar sua idoneidade pessoal e só depois vem sua idoneidade pedagógica.

> Quando eu soube que o professor, né, da Maria da Educação Infantil ia ser um professor homem, eu fiquei assim, pensativa. Professor homem agora? Será que a Maria vai gostar? Será

> que ela vai se adaptar? Porque a gente vê mais na Educação Infantil são professoras do sexo feminino, né? Quando eu soube que ia ser um homem, eu fiquei assim, preocupada, com medo dela não gostar, não se adaptar, né? Mas aí, graças a Deus, deu tudo certo. E aí depois, né, minha preocupação diminuiu, porque eu já lhe conhecia e aí eu sei que você é um ótimo profissional, né? E aí eu disse, não, ela vai se adaptar, ela vai gostar, ele é um bom professor, então vai dar tudo certo e deu tudo certo. Mas assim, eu creio que quando a gente não conhece o professor, né, e a gente se preocupa, porque na Educação Infantil a criança, ela precisa, assim, de muitos cuidados. E às vezes, né, o professor, né, não sei, não acho que nem todos têm essa habilidade, tem professor que não tem, né, essa habilidade, que não é o seu caso, que você sabe, né, trabalhar muito bem na educação infantil, é um ótimo profissional. Por isso que eu não fiquei preocupada, né? Mas, assim, se eu não conhecesse você, se fosse, assim, um professor diferente, eu teria, assim, ficado preocupada pela questão dela, dela, tipo, não se adaptar, de ter aquela preocupação da criança estar ali, né, com o professor ou o mestre, será que ela vai gostar, né? Será que ela vai se adaptar? E tem aquela preocupação que a gente fica, assim, meio receosa com esses casos de abusos que acontecem, né, e a gente fica, assim, um pouco receosa, assim, preocupada. Por mais que a gente saiba que é um profissional, né, que estudou para estar ali, mas a gente, como mãe, assim, a gente tem aquela preocupação em deixar ali a criança, né, com uma pessoa que, tipo, assim, você não conhece, mesmo sabendo que ele estudou, que ele é um ótimo profissional, mas, assim, a gente não conhece, e aí a gente tem aquele medo por tantas coisas que acontecem nesse mundo, né, com questão de criança ser maltratada e a gente fica, assim, mais um pouco receosa quando, assim, o professor é do sexo masculino e a educação é infantil e não do sexo feminino, aí será que você vai cuidar direito, aí tem também a troca de fraldas, aí, meu Deus do céu, gera, assim, um pouco de preocupação, né, na gente, assim, como mãe (Entrevistada 2X, 2026)[2]

O relato demonstra a importância da aproximação entre o docente, as crianças e as famílias. Pois, os diálogos não são construídos automaticamente, mas somente após se passar por um processo de construção de afetos que tem como mediadores as próprias crianças. São elas que levam o relato diário de suas práticas, das atividades, das ações e, consequentemente, é por esses relatos que as famílias irão se aproximar mais do professor e da instituição de ensino.

Quanto mais ricos os relatos, mais haverá o desejo de retorno do seguinte, mais será o interesse da criança e melhor será sua relação com o professor. Se a criança gosta da instituição, do professor e reporta estes fatos cotidianamente, a aproximação acontecerá de forma breve e será uma aproximação sólida.

Durante o ano de 2025, trabalhei em uma turma de maternal II. Uma turma de 15 crianças: 9 meninas e 6 meninos. Foi uma turma em que os vínculos foram construídos de forma rápida e duradoura. Lembro especialmente da aluna Samara (nome fictício), que todos os dias, por volta de meio-dia, enviava mensagem e o questionamento era sempre o mesmo: professor, o senhor vai hoje? Ela queria se certificar de que naquele dia não estaria na turma a professora do horário pedagógico.

Outro relato da professora auxiliar é que no dia em que a professora do horário pedagógico estava na turma, algumas crianças choravam, perguntando: cadê o professor? Estas situações demonstram o que ilustrei acima: a importância da construção de vínculos no espaço da sala referência e o seu transbordamento para o ambiente familiar.

[2] Entrevista realizada com uma mãe em 21 m janeiro de 2026.

A mãe da Elisa (nome fantasia) relatava que ela costumava ficar ansiosa no dia anterior à presença do professor. Ficava animada, acordava cedo e não impunha obstáculos algum para ir à creche. Esta alegria transbordava na sala referência, ela sempre foi uma criança atenta, com ótimo desenvolvimento e principalmente, muita alegria (nesta época, 2023, trabalhava como professor HP)[3].

O feedback do Arthur (nome fictício) aconteceu no encerramento de um semestre letivo. A coordenadora pedagógica estava felicitando as crianças, os pais e avisando que a partir daquele dia as crianças estariam de férias; Arthur virou para ela e falou: "não quero férias, quero é ficar estudando" (PAIVA, 2024, p. 109).

4.1 A DOCÊNCIA MASCULINA NÃO VISÃO DAS EDUCADORAS

A docência masculina na educação infantil não só é possível, como necessária. As crianças precisam e devem conviver com homens e mulheres na escola na mesma proporção que eles existem na sociedade. Para que isso seja possível, é necessário problematizar o fazer pedagógico na educação infantil como um evento histórico, flexível, intergênero e que deve ser construído a partir dos saberes científicos produzidos pela academia. Em outras palavras, faz-se necessário romper as visões superficiais, preconceituosas e excludentes. É importante deixar claro que a educação da primeira infância pode ser feita por homens e mulheres.

Em depoimento, uma supervisora escolar que trabalhou três anos comigo deixou o seguinte registro:

> Nossa convivência profissional durante três anos, contribuiu para ampliar minha visão sobre a atuação de professores homens na Educação Infantil. Ao acompanhar seu trabalho de perto, pude perceber o quanto competência, dedicação, sensibilidade e compromisso com as crianças vão muito além de questões de gênero. Você sempre demonstrou carinho, respeito e atenção com cada criança, tratando todas com igualdade e construindo vínculos afetivos saudáveis, fundamentais para o desenvolvimento infantil. Além disso, sua criatividade, dinamismo e envolvimento nas atividades tornavam as aulas mais significativas e acolhedoras. Essa experiência reforçou em mim a certeza de que excelentes profissionais da Educação Infantil podem ser homens ou mulheres. O que realmente faz a diferença é a capacidade de educar com responsabilidade, afeto, ética e comprometimento, características que sempre estiveram presentes em sua prática pedagógica. Foi gratificante acompanhar seu dia a dia, durante três anos, e perceber o impacto positivo que seu trabalho teve na vida das crianças e da comunidade escolar (Entrevistada Y, 2026).[4]

Se pensarmos em profissões com a presença maciça de homens: pedreiro, caminhoneiro, pilotos de corrida de automóveis etc. A chegada de uma mulher pode provocar aquele sentimento de deslocamento para aqueles que tradicionalmente estão na carreira e para a nova companheira.

[3] Professor de horário pedagógico ou professor HP é o professor que assume a sala no dia em que o professor titular está realizando o seu planejamento. Uma realidade vivenciada na cidade de Codó-MA.
[4] Entrevista realizada com uma supervisora escolar da rede municipal de ensino da cidade de Codó-MA.

Entretanto, no caso destas profissões, a relação humana existe, mas não é o centro. Diferente do magistério, em que as relações humanas são centrais, é a própria matéria-prima do trabalho pedagógico.

O magistério masculino na educação infantil representa uma quebra de paradigma, reafirma novos valores, desconstrói o olhar machista da feminização do cuidado. Dessa forma, pode-se inferir que uma educação infantil é espaço para homens e mulheres comprometidos com um fazer pedagógico flexível, crítico, criativo, acolhedor, interativo, lúdico, aberto aos desafios e que tenha as crianças como centro, protagonistas.

Professores e professoras podem construir uma pedagogia infantil colorida, alegre, focada nos reais desafios educacionais da primeira infância, contribuindo para construir espaços escolares felizes, alegres, saudáveis e lúdicos. Necessitamos, para isso, compreender que a educação, em qualquer nível e modalidade, é espaço para desconstruir falsas teorias, preconceitos e não o contrário.

Nesse sentido, algumas professoras percebem a importância da presença masculina no magistério da educação infantil. Uma das entrevistadas expressou as seguintes palavras:

> Nunca tive uma visão limitada em relação à presença de homens na educação infantil. No entanto, trabalhar juntos permitiu fortalecer ainda mais essa admiração, ao acompanhar de perto o profissionalismo, a dedicação, o carinho e o compromisso demonstrados no cotidiano com as crianças. Foi muito significativo observar a construção dos vínculos afetivos, a sensibilidade nas interações e o cuidado com o desenvolvimento infantil. A presença masculina na Educação Infantil é importante porque amplia as referências das crianças e contribui para uma educação mais diversa e inclusiva, mostrando que o ato de cuidar, educar e acolher não está relacionado ao gênero, mas às competências, aos valores e ao comprometimento do profissional. Essa experiência reforçou minha convicção de que homens têm um papel tão importante quanto as mulheres nesse contexto, contribuindo de maneira significativa para a formação e o desenvolvimento das crianças. (Entrevistada Y2, 2026)[5]

Aqui é possível perceber dois elementos: primeiro, uma percepção clara e positiva sobre a presença masculina na educação infantil e, segundo, como a experiência contribuiu para a construção desta visão. A combinação destes dois elementos ajuda a construir um olhar livre das travas cognitivas do preconceito, deixando claro que a presença do professor na educação infantil é mais que importante, é necessária.

Nesta mesma linha de pensamento, uma supervisora da rede municipal que trabalhou comigo em 2024 fez o seguinte relato:

> Sempre acreditei que os homens também desempenham com excelência um trabalho como educador na Educação Infantil, uma profissão exercida predominantemente por mulheres principalmente por envolver além do ato de educar o cuidado também. Com relação a você já

[5] Entrevista realizada com uma professora da rede municipal de ensino de Codó-MA em 15 de fevereiro de 2026.

> sabia do seu grande potencial como profissional da educação, o que me surpreendeu foi o excelente trabalho envolvendo também crianças bem pequenas, além de um vasto conhecimento, a relação afetuosa com as crianças me chamou muito atenção, a metodologia trabalhada que respeita a infância e a aprendizagem esperada para a faixa etária. Sendo assim, reforçou cada vez mais o que eu já acreditava relacionado ao fato de o homem também poder atuar com maestria na Etapa da Educação Infantil como educador (Entrevistada Y3, 2026)[6]

A partir dos relatos, percebe-se uma visão amadurecida, aberta e acolhedora do professor na educação infantil, por parte de alguns profissionais da educação.

5 CONCLUSÃO

A materialidade da prática docente, em muitos casos, tem sido deixada de lado pelos próprios docentes. Ela não é objeto de reflexão, de registro e de compartilhamento. Pensar a partir da prática é uma ferramenta para a construção de uma pedagogia que tenha os pés no chão, que trate de temas reais, desafios inerentes ao fazer pedagógico, que possa refletir problemas que estão presentes na prática pedagógica de professores e professoras em seus mais variados contextos.

Refletir a partir da prática não significa abdicar de embasamento teórico, mas usar este para compreender, aprofundar e melhorar a pedagogia concreta que está presente em nossos duzentos dias letivos anuais.

Analisar a prática como uma síntese complexa que engloba teoria, prática, subjetividades, afetos, história de vida, relações pessoais, experiências profissionais, condições materiais, contexto social, político, cultural, cultura institucional, modelos de gestão é olhar o quadro docente como um universo denso de limitações, mas também aberto as mudanças.

A partir deste universo, é possível perceber que o docente na educação infantil ainda será por muito tempo um elemento estranho, pois os caminhos que estão lentamente sendo abertos, as pontes que estão sendo construídas, as sementes que estão sendo plantadas levarão muito tempo para frutificar.

É oportuno ter em mente que as mudanças necessárias para uma docência masculina na educação infantil não serão construídas apenas no espaço escolar, mas também por toda a sociedade. Desmistificar a docência além do gênero do professor(a), superar os preconceitos, construir uma docência fundamentada e fundamental para as crianças do presente, com um pé no futuro. Pois, é preciso ter clareza de que a presença de homens na educação infantil é possível e é necessária.

[6] Entrevista realizada com uma supervisora da rede municipal de ensino de Codó-MA em 16 de fevereiro de 2026.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. CONTINUAR A FORMAR-SE, RENOVAR E INOVAR: a formação contínua de professores. **Revista da Escola Superior de Educação de Santarém,** 24-35. Disponível em: sipeadturmad5.pbworks.com/w/file/fetch/117124026/Ser_professor_reflexivo_Isabel_Alarcao.pdf. Acessado em: 01 de jan. 2026.

BARDN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2016.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOURDIEU, P. **O campo econômico**. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697. Acessado em: 2 de fev. 2026.

BOURDIEU, P. Compreender. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CODÓ. Lei no 1.727 de 23 de junho de 2015. **Aprova o Plano Municipal de Educação**. Codó, MA, 2022. Disponível em: 1.727 de 23.06.2015.pdf (codo.ma.gov.br). Acesso em 05 de fevereiro de 2022.

FOCHI, P. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo escolar da educação básica 2024:** notas estatísticas. Brasília: Inep, 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_da_educacao_basica_2024.pdf. Acesso em: 9 jul. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Notas Estatísticas: Censo da Educação Superior 2018**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf. Acesso em: 9 jan. 2026.

KUHLMANN Jr. M. **INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL:** uma abordagem histórica. 2a ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

LOURO, G, L. **GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO:** uma perspectiva pós estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

MANACORDA, M. A. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:** da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1999.

MINAYO, M.C.S. **PESQUISA SOCIAL**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAIVA, F.S. **CANTANDO, BRINCANDO, INTERAGINDO E EDUCANDO:** uma prática na educação infantil. Disponível em: https://editoralicuri.com.br/index.php/ojs/article/view/520/400. Acesso em 05 de maio de 2026.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 2007.

SCHÖN, D.A. **EDUCANDO O PROFISSIONAL REFLEXIVO:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad.Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.

SILVA, J.R; MARTINS, V.L. **O PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:** um olhar acerca do preconceito. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170531133930.pdf. Acesso em 05 de mar. de 2026.